

Estado de possessão

NOTAS PARA UMA ESTÉTICA DA TORTURA

TRADUÇÕES E REFERÊNCIAS

A.0

A.1

Possessão

1. Ato ou efeito de possuir ou de ser possuído / ato ou efeito de ter (algo) para si, de dispor de (qualquer coisa) e dela poder tirar proveito e prazer, posse.
2. Ato ou efeito de ter ou de tomar algo sob controle; posse de territórios conquistados.
3. Algo que se possui, ocupa ou controla a coisa possuída.
3.1 região, território, país sob a dominação colonial de um Estado; colônia, domínio.
4. Condição ou estado de quem está dominado por algo (por exemplo uma paixão, um projeto, uma obsessão).
5. Assunção (ascensão a posição hierárquica ou honorífica superior) de ou manifestação (de um ser espiritual) no corpo e/ou no espírito de uma pessoa.
5.1. Condição ou ou estado de quem se sente habitado e manejado por um ente sobrenatural.

USO: o emprego da palavra possessão no sentido de região sob dominação colonial foi modernamente suplantado por outras denominações ligadas a novos tipos de relações político-econômicas entre os Estados dominantes e regiões sob a autoridade e proteção.

ETIM (latim) *possessio,onis* |possessão, posse, gozo, propriedade|

A.2

{	A	pele punho barco	(TRABALHO/CORPO)
	B	canto vento água	(MAR/ABISMO)
	C	olho língua vela	(VALOR/IMAGEM)

A.3



Não se pode usar peças de xadrez contra outro homem a não ser que ele concorde em usá-las no mesmo sentido que você. O tabuleiro e as peças formam o Elo Mágico pelo qual você pode provar o seu poder de obrigá-lo a se render. O jogo é o arranjo pelo qual você o força a inclinar seu rei em sinal de derrota, um ato muscular que ele executa em obediência a sua vontade, se bem que ele possa ser duas vezes mais forte e mais pesado.

Aleister Crowley in *Liber ABA: parte III*

A.4

introversão – penetração – extroversão
penetração – medo – não penetração

Iole de Freitas

A.5

O título escolhido para esta exposição - arte não antropomórfica - não tem a intenção de ser definitivo; certamente ele declara o que ele não é. Ele significa simplesmente que os quatro artistas que participam desta exposição têm um desejo (pelo menos) em comum: excluir a projeção tanto deles mesmos quanto da imagem, atributos ou qualidades do homem nos seus trabalhos de arte.

in **FOUR STATEMENTS**

O chicote estalou e os Sinais Aritméticos começaram a entrar no picadeiro.

Monteiro Lobato in *Aritmética* da Emília

O primeiro retrato de Josef Stalin, datado de 1º de Abril de 1922, foi desenhado por Nikolai Andreiev na época em que Stalin foi nomeado por Lênin para o cargo de Secretário-

geral do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, posto que ele manteve por mais de trinta anos. Ameaçadoramente, o futuro ditador rabiscou sobre uma cópia do original: “essa orelha fala que o artista não é bem versado em anatomia. J. Stalin... Essa orelha berra e grita contra a anatomia. J.S.”

The Commissar Vanishes: The Falsification of Photographs and Art in Stalin’s Russia

A.6

6.41
O sentido do mundo deve estar fora dele. No mundo, tudo é como é e tudo acontece como acontece; não há nele nenhum valor - e se houvesse, não teria nenhum valor. Se há um valor que tenha valor, deve estar fora de todo acontecer e ser-assim. Pois todo acontecer e ser assim é casual. O que o faz não casual não pode estar no mundo; do contrário, seria algo, por sua vez, casual. Deve estar fora do mundo.

6.42

É por isso que tampouco pode haver proposições na ética. Proposições não podem exprimir nada de mais alto.

6.421

É claro que a ética não se deixa exprimir.

A ética é transcendental.

(Ética e estética são uma só.)

Ludwig Wittgenstein in *Tractatus-Logico-Philosophicus*

A.7

quando a fumaça de cigarro cheira também a boca que a exala, os dois odores se esposam pelo infra-tênu
Marcel Duchamp

A.8 / C.8

I- SÓ INSCREVE SOBRE QUEM SENTIU NA PELE
II- O OLHO É RESPONSÁVEL PELO QUE VÊ

Wlademir Dias-Pino

A.9

Material para escultura rememorando a destruição de um proeminente monumento público em nome da resistência nacional
Iman Issa

A.10

É CLARO QUE PRESIDENTE GEISEL TEM PODER PARA IMPEDIR A TORTURA NOS CENTROS DE INTERROGATÓRIO MILITARES NO BRASIL. O MUNDO DEVERIA RESPONSABILIZÁ-LO, COMO SE ELE MESMO TIVESSE USADO OS BASTÕES ELÉTRICOS

Teresinka Pereira in *Mundo ultrajado*

A.11

Etapa 1: Posição de Leitura para Queimadura de Segundo Grau
Pele/Livro/Energia solar 1970
Etapa 2: Posição de Leitura para Queimadura de Segundo Grau
Tempo de exposição: cinco horas.
Dennis Oppenheim

A.12

/soʊl/

“A posição SUL foi criada por mim e Alan Brosnan no ano de 1997. Na época, nos não só treinávamos, mas operávamos com policiais sul-americanos, e nos sentíamos em grave perigo por conta do manejo de arma deles (...). Quando dizem que a necessidade é a mãe da invenção, SUL é um exemplo. Não queríamos criá-la, mas foi preciso, pela nossa segurança”.

Max Joseph

/saɪ/

“Existe uma arte antiga do extremo leste asiático que ensinou as forças armadas e seus guerreiros, nós chamamos essa posição de “alma” [soul]. Como você pode ver, nossos polegares estão juntos, agarrados, e daqui se você quer enfrentar alguém, ou ameaçar, eu vou imediatamente para cá, e aqui em cima, e eu volto aqui para alma.”

Ron Hicks in *Guardas, de Hito Steyerl*

A.13

Esse entrelaçamento de mito, dominação e trabalho está conservado em uma das narrativas de Homero. O duodécimo canto da Odisseia relata o encontro com as Sereias. A sedução que exercem é a de se deixar perder no que passou. Mas o herói a quem se destina a sedução emancipou-se com o sofrimento. (...) Assim como a água, a terra e o ar, assim também separam-se para ele os domínios do tempo. (...) É através de uma ordenação fixa do tempo que ele procura fazer face a isso. O esquema tripartido deve liberar o instante presente do poder do passado, desterrando-o para trás do limite absoluto do irrecuperável e colocando-o à disposição do agora como um saber praticável. A ânsia de salvar o passado como algo de vivo, em vez de utilizá-lo como material para o progresso, só se acalmava na arte, à qual pertence a própria História como descrição da vida passada. Enquanto a arte renunciar a ser aceita como conhecimento, isolando-se assim da práxis, ela será tolerada, como o prazer, pela práxis social. Mas o canto das Sereias ainda não foi reduzido à impotência da arte. (...) Ao conjurar imediatamente o passado recente, elas ameaçam com a promessa irresistível do prazer –

que é a maneira como seu canto é percebido – a ordem patriarcal, que só restitui a vida de cada um em troca de sua plena medida de tempo.

Theodor W. Adorno & *Max Horkheimer*
in *Dialética do Esclarecimento*

C.1

Emprestando o apelido do serviço de inteligência e polícia política soviética que atuava na mesma época, e com alguma coincidência de intenções, checas foi o nome dado por Alphonse Laurencic às “celas psicotécnicas” desenvolvidas durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) por forças republicanas. Arquileto, pintor e militante anarquista francês de ascendência austro-húngara, Laurencic teve formação sob preceitos da Bauhaus e do surrealismo, e amplo envolvimento na criação de um confinamento que ferisse a psique dos seus prisioneiros com desenhos geométricos, cores e formas, inclinações e curvaturas; estímulos projetados para escorrerem em cada fresta de sentido, embasados pelos modernismos, para atingir os periféricos habituais da tortura (restrições de sono, movimento, percepção espacial, visual e sonora), e com eles, o trauma. A contemplação do heroísmo da arte de vanguarda, nas condições certas, é violação sensorial. A brutalização dos sentidos, sob certas inclinações, é prazer estético.

C.2

— Se já está morto. Se não dorme. Sua cela é escura como um poço.
— Pintada de negro, de alcatrão: está cego e surdo como morto.
— Não está tão morto. Terá sonhos. Não há alcatrão dentro do corpo.
— Na cela de negro alcatrão há a luz dos ossos em depósito.
— Veio do século das luzes, para uma luz de branco de osso.
— Má para as lições de geometria. Lá guardam as caveiras de mil mortos.
— Da luz branca que os ossos guardam lhe chega todo o reconforto.
— Mas para ver a própria mão a luz pouca de ossos é pouco.

João Cabral de Melo Neto in *Auto do Frade*

C.3

UM ESTADO MENTAL VOLITIVO TRANSMITIDO TELEPATICAMENTE

Robert Barry

C.4

Meu posicionamento atual na arte

Dado que [Etant donné] que a busca pela novidade (criação, estilo, personalidade, contribuição) é elemento de base de toda a atividade artística, o reflexo de todo indivíduo criador, assim que ele se vê em um contexto na arte, é ele tender a querer mudá-la.

Qual é a situação a ser mudada em 1974, então? Está evidente que desde o porta-garrafas de Marcel Duchamp, toda forma, seja ela qual for, pode ser arte, e isso desvalida (a forma) porque ela é aceita por antecipação.

Se nós não podemos esperar nenhuma mudança fundamental dentro do plano formal, a mudança deverá ser buscada no âmbito do status do artista e mais precisamente, no mecanismo do ato criador.

Esse ato criador que é produto de seu ego (ego, superego, pulsão de morte, etc) aparecem na obra exibida, através do estilo (diferenciação de uns dos outros) a assinatura, a data, etc, e nos próprios indivíduos sob a forma de ciúme, ambição, neurose, etc.

Consequentemente, para mudar a arte, é preciso mudar o homem.

Ben. 1974

C.5

Instruções - Tome o alfinete e perfure com vontade os lugares mais sensíveis da imagem, acenda um cigarro e lhe sobre fumaça na cara, apague-o em suas costas, plugue a extensão, que você sem dívida possui, e percorra com ela o corpo da vítima (estenda previamente toalhas molhadas para que a eletricidade circule melhor), por último, cuspa e o pisoteie. Por fim, saia para o ar livre e respire tranquilo. Você não é o torturado.

Campanha mundial pró-erradicação das torturas a presos políticos
Editorial da revista OVUM 10 n2 março/1970

C.6

Enorme crocodilo atacou o padre Diego quando cavalgava às margens de um lago. Tendo sido bastante vigoroso e ágil para se desvencilhar, o padre esporeou o cavalo e brandindo o bastião ferrado atacou o animal, que ainda tentou levá-lo para o fundo do lago. As investidas do cavalo muito ajudaram o missionário nesse duelo de novo tipo. A seguir continuou o caminho, deixando o crocodilo morto na margem. De volta à missão, a primeira coisa que lhe anunciaram foi a inexplicável agonia de um jovem índio que ele havia castigado alguns dias antes. Feita a averificação, o índio trazia todos os ferimentos feitos ao seu nagual. O índio morreu - à mesma hora que o crocodilo

expirava à beira da água. (os detalhes da aventura estão no capítulo Santo-Domingo, pelo padre Burgoa).

Stanislas de Guaita in *Templo de Satã*

C.7



Para mais detalhes sobre a inscrição DCVXVI, seu significado e uso em contextos de extrema violência sexual, pesquisar sobre a visita do poeta Blaise Cendrars ao estuprador e serial killer brasileiro Febrônio Índio do Brasil em 1927.

C.9

Se você tratar isso [sua ideia] como algo privado, com que direito você a chama de ideia de morte? – Digo isso porque nós também temos o direito de dizer o que é uma ideia de morte. Ele pode dizer “Eu tenho minha própria ideia privada de morte” – porque nomear isso uma ‘ideia de morte’ caso isso não seja algo que você conecte com morte. Entretanto isso [sua ideia] talvez não nos interesse de todo. [Neste caso,] isso não pertence ao jogo jogado com ‘morte’, o qual todos nós conhecemos e compreendemos. Para que aquilo que ele chama de sua ‘ideia de morte’ se torne relevante, isto deve tomar parte em nosso jogo; ‘Minha ideia de morte é a separação da alma do corpo’ – se nós sabemos o que fazer com essas palavras. Ele pode também dizer: “Eu conecto com a palavra ‘morte’ uma certa imagem” – “uma mulher deitada na cama” – isto talvez venha ou não a ser de algum interesse. Se ele conecta:



com morte, e essa foi sua ideia, isto pode vir a ser interessante psicologicamente.

Ludwig Wittgenstein in *Lectures & Conversations*

B:

Como proprietários, eles exerceram o direito de senhores. Sobre esse direito de nomear, eles escrevem que chega ao extremo de pressupor que a origem da linguagem seja considerada um ato de autoridade proveniente daqueles que dominam. Dessa maneira, eles dizem que disseram: isto é tal ou tal coisa, associaram uma palavra em particular a um objeto e a um fato e, por esse motivo, por assim dizer, apropriaram-se deles. Elas dizem que, ao fazer isso, os homens giraram com todas as forças para reduzi-la ao silêncio. Elas dizem: a língua que você fala envenena a glote a língua o palato os lábios. Elas dizem: a língua que você fala é feita de palavras que a matam. Elas dizem: a língua que você fala é feita de signos que, em si mesmos, designam as coisas das quais eles se apropriaram. Aquilo em que eles não conseguiram colocar as mãos, aquilo que eles não atacaram como aves de rapina de múltiplos olhos, é o que não aparece na língua que você fala. Isso se manifesta precisamente no intervalo que os senhores não foram capazes de preencher com suas palavras de proprietários e possuidores. Procure nas lacunas, em tudo o que não é a continuidade dos discursos deles, no zero, no O, no círculo perfeito que você inventa para aprisioná-los e derrotá-los.

Monique Wittig in *As guerrilheiras*

C.10

Eu preciso de um esquema (seguir o esquema, seguir uma pessoa). Rua (definição): ‘promissora linha de desenvolvimento’, ‘canalização de esforço’. ‘Na rua’: sem-teto, eu tenho que encontrar alguém para me agarrar. Relação adjwante: eu me adiciono a outra pessoa (eu abro mão do controle / eu não tenho que me controlar / eu me torno dependente da outra pessoa / eu preciso dessa outra pessoa, essa outra pessoa não precisa de mim). Relação subjetiva; relação subjuntiva. Uma maneira de me locomover (uma maneira de me pôr fora de casa). Estar em meio às coisas (eu estou distribuído sobre um domínio dimensional). Para dentro do espaço. Para fora do tempo. (Meu tempo e espaço são levados, tirados de mim mesmo, para um sistema maior.) Ocupar-se de uma posição em um sistema. Eu posso ser substituído. Meu valor posicional que vale aqui, não minhas características individuais. Para fora do corpo (me colocar para fora de mim, ver a mim mesmo de cima)

Vito Acconci in *Peça de perseguição* 69-NY

Estado de possessão: notas para uma estética da tortura [esboços para #9 e #10], organizada por Cris Ambrosio e Deyson Gilbert, é parte de um levantamento ainda em curso sobre as correlações entre estética, política, filosofia e misticismo. Sua presente formulação, em folêgo de apontamento e ensaio, propõe uma primeira articulação contra os tendões de Malkut (o plano da Terra, das coisas e dos corpos) e as córneas/cornos de Yesod (o plano da Lua, das imagens e de Baphomet).
